

O herói e o desviante: medo e euforia no noticiário policial

Leticia Cantarela Matheus

Doutora; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

leticia_matheus@yahoo.com.br

Pedro Henrique Silva

Graduado; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

pedroclarineta@hotmail.com

Resumo

O estudo tem por objetivo identificar a pertinência ou não da aplicação dos conceitos de pânico moral e de demônio popular (*folk devil*) como forma de compreender a recente adesão eufórica à política de Segurança Pública no estado do Rio de Janeiro. Com a aplicação desses conceitos, oriundos da sociologia e da criminologia, em especial de Stanley Cohen (1972), analisam-se as estruturas narrativas de duas coberturas policiais de jornais cariocas. Concluiu-se que o traficante aparece como elemento desviante enquanto os policiais são apresentados como heróis dentro de um processo de elaboração de uma euforia legitimadora da política de Segurança. O artigo faz parte de uma pesquisa em andamento que tem por principal hipótese a ideia de que os jornais incentivaram a ocorrência do fenômeno do pânico moral na cidade em 2010, quando as ocupações policiais foram intensificadas.

Palavras-chave

Jornalismo. Cobertura policial. Pânico moral. Medo. Euforia.

1 Introdução

Principal programa de segurança pública no Rio de Janeiro, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) eram um dos pilares da construção da imagem pública do governo Sérgio Cabral (PMDB) no estado do Rio de Janeiro. Sob o pretexto de desarticular o poder paralelo do tráfico de drogas e das milícias nas comunidades carentes, especialmente na capital, essas unidades policiais funcionavam como postos avançados da Polícia Militar dentro das favelas. Apesar de não extinguir o tráfico de entorpecentes nas regiões ocupadas,

a iniciativa acabou por, num primeiro momento, atingir o poder ostensivo que os traficantes outrora exibiam, além de prejudicar o rendimento do negócio da droga.

Desde 2008, já haviam sido instaladas 12 unidades nos morros cariocas, até que, na última semana de novembro de 2010 (do dia 20 ao 28), uma onda de ataques na Região Metropolitana seria tomada pela grande imprensa como pretexto para a intensificação de um discurso de adesão ao projeto do governo. Segundo nossa hipótese, aquela cobertura representou uma síntese do comportamento dos jornais em relação à cobertura policial num movimento pró-governo, passando de uma fase de elaboração do medo, nos primeiros dias, para um ponto de viragem que levaria a um entusiasmo cego em relação às UPPs. Não fora a primeira vez que os jornais exploraram o pânico, conforme analisado em outra oportunidade (MATHEUS, 2011), mas a suspeita é que aquela semana de novembro de 2010 tenha sido uma ocasião especial em que o medo antecedeu a construção discursiva de euforia em relação ao projeto de Segurança Pública.

Nesse artigo, analisamos quatro diários que abarcam desde a classe A até camadas sociais mais populares: *O Globo*, *O Dia*, *Extra* e *Meia-Hora*. Os dois primeiros são destinados às classes A e B majoritariamente, enquanto os dois últimos são normalmente destinados às classes C e D. *O Globo* e o *Extra* pertencem à mesma empresa. O mesmo ocorre com *O Dia* e o *Meia-Hora*. Foram estudadas edições entre os dias 22 e 30 de novembro, totalizando 15 reportagens desses quatro periódicos. Metodologicamente, o material foi analisado a partir de dois níveis interpretativos¹. Primeiro, segundo o conceito de pânico moral de Cohen (1972), conforme será explicado adiante, e com a ideia do ciclo de interesse público que alcança a euforia, proposta por Downs (1972). Esses dois modelos sociológicos foram aplicados ao episódio a partir de um viés de interpretação que pudesse se realizar dos textos. Isto é, assumiu-se como premissa que, se o leitor aderisse às marcas do leitor implicado naqueles textos (ISER, 1996 e 1999), que tipo de configuração narrativa ele perceberia e como produziria sentido sobre aquele acontecimento (TODOROV, 2004; ARISTÓTELES, 2003; RICOEUR, 1994, 1995, e 1996; CARDOSO, 1997)². Para isso, procuramos identificar os principais personagens e suas ações. Também procuramos identificar as sensações propostas pelas histórias, bem como as sutis oscilações de enquadramento das reportagens.

¹ Sobre interpretação, cf. Gadamer (1999) e Ricoeur (2000, 2011).

² Sobre análise narrativa, cf. Todorov (2004), Aristóteles (2003), Cardoso (1997) e Ricoeur (1994, 1995, 1996), entre outros.

Durante os ataques que precederam a ocupação policial no complexo de favelas da Penha, bairro da Zona Norte do Rio (região mais pobre), registraram-se, pelo menos, 181 veículos queimados na cidade, entre vans, ônibus e carros de passeio. Durante essas ações, 39 pessoas morreram, 70 foram presas e cerca de 200 foram detidas³. Na quarta-feira, dia 24 de novembro, o governador pediu ao ministro da Defesa, Nelson Jobim, o auxílio da Marinha para uma “contraofensiva”.

O governo afirmava que as ações tinham sido perpetradas por facções criminosas rivais que teriam entrado em acordo de cooperação para aquela operação conjunta, com grande força de reação contra a implantação das UPPs. Na sexta-feira, dia 26, o complexo da Penha foi tomado por forças policiais com o apoio dos fuzileiros navais. Na manhã do domingo, dia 28, ação semelhante ocorreu no Complexo do Alemão, também na Zona Norte.

A repercussão na cidade, no país, e internacional foi imensa. Com a eleição do Rio de Janeiro como uma das sedes da Copa de 2014 e sede das Olimpíadas de 2016, jornais europeus, norte-americanos e latino-americanos destacaram o clima de insegurança na cidade. A cobertura televisiva no Brasil foi intensa, com plantões de notícia e repórteres nas áreas de conflito e em helicópteros, acompanhando de perto a tomada dos morros cariocas. Na internet, as manifestações nas redes sociais foram a grande novidade na cobertura jornalística, com a presença de fontes oficiais como, por exemplo, o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) manifestando-se pelo Twitter, mas também por meio de fontes extraoficiais, com a participação direta de moradores dessas comunidades. Por fim, nos jornais impressos, foco de nosso estudo, a cobertura se delimitou nas ações do governo por intermédio das forças policiais e na reação dos criminosos. Os jornais também produziram conteúdo sobre o que classificavam como os efeitos dessas ações sobre a população, bem como a repercussão no exterior. Os quatro diários de notícia analisados realizaram coberturas exclusivas e chegaram a publicar cadernos suplementares sobre a “guerra do Rio”, rubrica com a qual o tema passou a ser designado e que já indicava o “tom” da cobertura.

2 O pânico moral

O conceito de pânico moral representa um comportamento social que reverbera uma espécie de histeria coletiva contra determinados personagens da vida social, percebidos

³ Há relatos não oficiais de mortes que não foram noticiadas durante a ocupação da Vila Cruzeiro, principalmente na área do alto da Serra da Misericórdia.

como ameaças morais e descritos a partir de um efeito discursivo agenciado em grande medida pela mídia. O conceito foi desenvolvido em 1972 pelo sociólogo americano Stanley Cohen, que o definiu como "[...] uma situação, episódio, indivíduo ou grupo social que começa a ser definido como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; sua natureza é apresentada de modo estilizado e estereotipado pela mídia de massa". (COHEN, 1972, p. 1, tradução nossa). Geralmente, o pânico moral é direcionado a grupos marginalizados, que passam a ser perfilados como "demônios populares" (*folk devils*). Embora o temor possa ser infundado, Cohen lembra que seu efeito é concreto, podendo ser manifestado nas divisões sociais, na distribuição do status e na alteração da paisagem humana nos ambientes urbanos.

O pânico moral se apresentaria segundo algumas características sequenciais. A primeira é representada por uma condição prévia de aflição ou preocupação, seria aquela em que o público imagina uma ameaça potencial. O fator mais sintomático dessa condição prévia de aflição apareceu nos jornais, sobretudo nas matérias que exploravam o sentimento de insegurança, como em:

A onda de violência parece mesmo ter tirado o sossego dos moradores. No site de O Globo e na página do jornal no Facebook, muitos leitores admitiram a mudança de comportamento por causa dos arrastões e outros episódios violentos, o que fez aumentar a sensação de insegurança. [...] 'O uso de insulfilm, a paranoia dos sinais de trânsito e tantas outras táticas de guerrilha, que usamos diariamente são espelhos disso. A situação de violência chegou ao absurdo' escreveu Nuno Moreira no site. No Facebook, a internauta Leela Santana fez coro: 'Infelizmente, viramos prisioneiros sem cometer qualquer delito. Fica complicado sentir-se em paz'. [...] Outros leitores mostraram que já não se sentem seguros para circular no Rio. Diminuir as saídas à noite e evitar certas áreas já fazem parte da cartilha de segurança. Mas as leitoras Lúcia Saraiva e Solange Luiz Garrido acreditam que a situação exige medidas mais drásticas: "Estou apavorada. Só saio para o trabalho e, mesmo assim, com muito medo. À noite, ficamos eu, minha filha e minha neta presas em casa, principalmente no final de semana". (NO SITE..., 2010, p. 8).

O jornal *Extra* disponibilizou um mapa dos ataques na cidade. Na primeira página do jornal do dia 25 de novembro, a chamada apontava os dois inimigos do Rio: os boatos que espalhariam o pânico na internet e os bandidos que em uma ação "descoordenada" atacavam a cidade. Todas as matérias da editoria policial citavam ou pânico ou medo. Em uma página toda pintada de preto, com fotografias dos confrontos que tinham tomado a cidade no dia anterior, o jornal transmitia uma atmosfera de tensão e direcionava o leitor a esperar uma reação das autoridades:

Rio de Janeiro em chamas

A Região Metropolitana do Rio viveu mais um dia sob o terror das ações criminosas. Das zonas Norte, Sul e Oeste à Baixada Fluminense, ameaças de bomba, adolescente morta, desespero, dor e medo. Reage, Rio! (RIO DE JANEIRO..., 2010, p. 5).

Tal como em um desastre, o alerta inicial foi ganhando contornos de ameaça global quando a incidência dos casos e a análise de alguns especialistas em segurança pública, que vinculavam os ataques como uma possível retaliação das UPPs, tomou forma como discurso padrão dos jornais.

Começava então a reação policial. Nesse estágio do pânico moral, uma orientação de atitudes e de temas, além da ação dos agentes de controle (o Estado), estabelece-se. Uma ação inicial em 22 comunidades fora o primeiro passo. As ações policiais traziam uma sensibilização da opinião no ideário de embate. As autoridades policiais, o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, e o comandante da Polícia Militar, Mário Sérgio Duarte, adotaram um discurso de defesa das UPPs e de reação às forças criminosas. Uma carta divulgada pelos jornais falava em uma aliança de duas facções criminosas, inicialmente rivais, para combater as UPPs. A investigação inicial demonstrava se tratar de uma ação conjunta proposital para espalhar o pânico. As ordens teriam partido de criminosos que estavam em presídios fora do estado. As matérias procuravam passar a ideia, fundamentada ou não, de que os ataques continuariam se não houvesse uma forte reação da polícia. Os agentes do Estado e os jornais convergiam ali num discurso reacional claro, o tom cada vez mais militarizado da cobertura jornalística preparava terreno para uma reação concreta da mesma natureza. Termos como batalha e guerra se sucediam nas reportagens. Na quinta-feira, dia 25 de novembro, com a continuidade dos ataques, foi então aprovada a ocupação militar da Vila Cruzeiro com o auxílio da Marinha.

Palavras de ordem deram também a tônica do discurso do Relações Públicas da PM, coronel Henrique Lima Castro: “Não começamos a guerra. Fomos provocados a entrar nela e vamos sair vitoriosos. Temos fôlego para isso. Ainda não usamos o pessoal que está de férias e o do interior”. (PM, 2010, p. 17). O comandante-geral da Polícia Militar, coronel Mário Sérgio Duarte, respondeu pelo Twitter dez perguntas enviadas por internautas. Num discurso afinado com o secretário e o governador escreveu que “A explicação para os ataques feitos por bandidos nos últimos dias no Rio está no descontentamento deles com as Unidades de Polícia Pacificadora”. (PM AVANÇA..., 2010, p. 17). Em entrevista à rádio CBN, o

governador disse que nunca teve a ilusão de que os bandidos não reagiriam às ações do Estado.

3 Os demônios populares

Na formação do pânico moral, estabelece-se uma dinâmica similar a das catástrofes naturais. Num evento natural existe a dimensão do alerta (*warning*), misterioso ou não, de que a tranquilidade será abalada. Segundo Cohen (1972), existe a ameaça (*threat*) propagada por algumas pessoas que sentem a aproximação de um desastre, em alguns casos, são especialistas que indicam um perigo iminente e, ocasionalmente, essa fase leva à percepção de que alguma coisa está sutilmente mudando. Ocorre então o impacto (*impact*) quando o pandemônio se instaura e uma desorganizada resposta à destruição começa. Em seguida é estabelecido um inventário (*inventory*), que é quando as pessoas expostas ao desastre traçam um preliminar retrato do que ocorreu, dos danos e das condições gerais de ação no momento. As ações de resgate (*rescue*) tomam forma com atividades de ajuda imediata aos sobreviventes e a partir do momento que as pessoas imersas na tragédia começam a ajudar umas às outras, a ajuda externa começa a chegar também. Há um momento posterior de cura ou remediação (*remedy*), quando ações mais formais e deliberadas de apoio começam a chegar aos afetados, assim, o sistema maior de forças tanto do Estado quanto civis começa a estabelecer medidas mais aprofundadas que o aparato emergencial não podia prover. E, por fim, há a recuperação (*recovery*), quando ocorre o reestabelecimento por um extenso período, reequilibrando aquela comunidade atingida adaptando-a às possíveis mudanças que o desastre possa ter causado.

Apesar de clara, a descrição do conceito de pânico moral a partir da metáfora de um modelo de ação em caso de desastre natural requer, porém, adaptações e analogias lógicas quando transposta para a dimensão social-comportamental. Numa versão condensada, é possível falar no alerta, também traduzido como aflição ou ameaça potencial; no impacto, quando o desastre toma forma em seu auge de adrenalina e efervescência de eventos; no inventário, quando se dimensiona melhor o evento, e sua reação, que simbolizaria o fechamento desse ciclo. O pânico moral, portanto, inscreveria nessa cronologia dos acontecimentos a seguinte lógica interpretativa: há uma relação entre o elemento desviante e a aflição inicial, além de permear todas as etapas do evento. Dentro do inventário há estágios de apuração, predição e simbolização; e a fase da reação condensa orientações e

atitudes de sensibilização da opinião pública, além de mecanismos de controle diferenciados para combater a fonte geradora do pânico moral.

Estabelecidos inicialmente como ameaçadores, os elementos desviante são batizados como “demônios populares”, forma pela qual estamos traduzindo o termo original *folk devils*. Eles encarnam o pânico ameaçador em sua figura e são o alvo posterior de uma identificação moldada em parâmetros morais, contra o qual haverá reação da sociedade igualmente pautada por parâmetros morais.

A opção pela tradução ‘demônio popular’ ao invés de ‘demônio público’, que também seria factível, dá-se pelo fato de Cohen estabelecer paralelos entre esta construção simbólica e o imaginário dos elementos ameaçadores no folclore (*folklore*). Porém, por se tratar de uma construção que mitifica a ameaça como encarnação do mal, consideramos mais apropriado manter o paralelo com o discurso mitológico - da seara do imaginário popular - do que com a dimensão de uma ameaça pública ao Estado de Direito, embora um caráter não elimine o outro. Apesar de também ser uma interpretação presente, a noção de *hostis publicae* - o inimigo público do Direito Romano - trata de uma noção jurídica, sendo mais interessante para esta pesquisa uma acepção que faça paralelo com o discurso do sensível e do medo projetado sobre estas figuras. Portanto, uma vez que o pânico moral é um discurso do medo racionalizado em ações do Estado e da sociedade civil, sua origem e seu modo de expansão e volatilidade se dão mais pelas sensações do que por efeitos estatísticos ou práticos.

Em episódios de pânico moral estudados na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, esses elementos desviantes e ameaçadores variavam desde mães solteiras até *gangs* de jovens da periferia, passando por refugiados e outros grupos identificados como ameaças em potencial. Nos eventos de novembro de 2010 no Rio de Janeiro, esses elementos foram os traficantes. Em algumas matérias, a personificação do mal fica evidente. No dia seguinte à ocupação do Complexo do Alemão, uma matéria de duas páginas no *Meia-Hora* afirmava que “o coração do mal” parara de bater e o bem vencera. Após a ocupação da Vila Cruzeiro, o *Extra* publicou uma fotografia na qual se viam policiais militares mirando seus fuzis, com a legenda “o bem chega”, em contraposição à imagem abaixo dos traficantes correndo pela mata, “o mal foge”. Os traficantes se identificavam como ameaçadores, mirando as armas em direção às lentes dos fotógrafos em muitas fotos - e conseqüentemente para o leitor do jornal -, ousados e debochados quando mostrados incendiando carros e rindo dos donos dos carros em chamas.

Ousadia e deboche

Vão rir na cadeia também?

Bandidos queimam carro perto de DP e riem do desespero do dono: Quando o fogo pegou, um deles, de forma debochada me viu e disse: “Agora pode chamar o bombeiro” revelou a testemunha. (OUSADIA..., 2010, p. 4).

Após a reação policial, assumiam a faceta de covardes segundo o jornal. No *Meia-Hora*, eram satirizados sexualmente e moralmente. Na cobertura da sexta-feira, dia 26, na pós-ocupação da Vila Cruzeiro, a imagem de baratas permeava não só a primeira página como todas as notícias das páginas internas, em alusão aos bandidos que fugiram pela Serra da Misericórdia, matagal atrás da Vila Cruzeiro:

Renda-se

Sai assim ou sai na horizontal

Atenção, vagabundo amarelão da Vila Cruzeiro e do Alemão, o ‘Meia’ te ajuda a se render com dignidade. Escreva seu nome, recorte e entre para o próximo policial que encontrar na rua.

Eu,-----, me entrego para as forças do bem do Rio porque não tenho coragem para enfrentar vocês. (RENDA-SE, 2010, p. 1).

Na legenda da fotografia que acompanha a matéria, os traficantes são identificados como ‘covardões’ do Complexo do Alemão. Na matéria “Imagens mostram fuga em massa”, a desumanidade dos bandidos era exposta no jornal O Globo:

Cúmplices ignoram bandido baleado

Na hora do desespero, nem os cúmplices foram ajudados. No alto do morro, numa estrada de terra perto de uma pedreira, um dos bandidos foi baleado e caiu. Um homem o arrastou pelo braço e o deixou na beira da pista. Apesar de o criminoso ter acenado pedindo ajuda, comparsas prosseguiram a fuga e o ignoraram. Somente minutos depois ele foi resgatado. (A FORTALEZA..., 2010, p. 3).

O *Extra* apresentava na primeira página do seu caderno especial sobre a “Guerra do Rio” as duas opções dos bandidos na situação em que eles se encontravam. Em uma página inteira, contrapunham-se bandidos, que se entregavam em um camburão, e imediatamente abaixo um cadáver sendo carregado pelos policiais.

O caso do traficante ‘Mister M’ emoldura como a relação dos jornais com a figura do elemento desviante pode ter diferentes faces. Antes da ocupação do morro do Alemão, ‘Mister M’ se entregou à pedido da própria mãe, que o acompanhou até a delegacia. A atuação da mãe como mediadora na rendição foi destaque em *O Dia*. Ao lado da imagem do traficante preso, há um relato da mãe aliviada:

Mãe desabafa:

Estou feliz, porque ele ia acabar morrendo.

Conversei com ele. Falei vem com a mamãe. Agora estou feliz, porque ele ia acabar morrendo. O desabafo é da dona de casa Nilza Maria, 57 anos. Moradora do Alemão, ela viu o cerco policial se fechar sobre um dos seus filhos. (MÃE..., 2010, p. 4).

Já o jornal *O Globo* ridicularizava a foto sorridente do bandido preso e não informava a participação da mãe no episódio:

Do que ri o traficante Mister M?

O traficante Diego Raimundo da Silva dos Santos, de 25 anos, conhecido como Mister M, não parece preocupado com os anos de prisão que irá cumprir. (DO QUE RI..., 2010, p. 6).

No *Meia-Hora*, a notícia ganhou ares de deboche com uma suposta carta de rendição assinada pelo traficante na qual se intitulava "*Príncipe Negro dos Sortilégios*" (O BICHO..., 2010, p. 1).

4 O desviante como ameaça

No histórico recente da cobertura das ações de traficantes no Rio, é possível observar a construção dessa ideia de demônios populares. Mas, se o medo dos facínoras acarretava em aspectos medievais, de assassinos tribais e bárbaros forasteiros à civilização, também não se pode esquecer que essa imagem possui certo respaldo nas atitudes dos criminosos. Nos chamados "tribunais do tráfico", cidadãos eram condenados por pessoas que se consideravam senhores do morro, essas histórias se juntavam a relatos de rebeliões presidiárias em que traficantes de facções rivais eram queimados vivos ou decapitados e as cabeças utilizadas como bolas de futebol. A própria nomenclatura dos traficantes carrega certa mitologia: Elias "Maluco", por exemplo, carregava uma espada samurai em seus julgamentos particulares e com ela teria executado Tim Lopes, jornalista da Rede Globo, raptado por causa de uma reportagem sobre o comércio de drogas e a exploração de menores em bailes *funk* da comunidade Vila Cruzeiro. Aliados aos chamados "proibições", *funks* em que o poder das facções criminosas é exaltado, os traficantes tinham o seu poder legitimado na figura de donos do morro, implacáveis e poderosos. O traficante assume uma dimensão figurativa e simbólica como uma alegoria do crime.

Esse imaginário faz parte da construção do elemento desviante na sociedade, do qual participam os jornais. Há um processo interativo que "envolve uma relação entre os 'desviantes' e os 'não-desviantes', relação esta de caráter complementar: um é definido pelo outro, um não pode existir sem o outro, um é função do outro". (VELHO, 1974, p. 132). O

comportamento divergente seria uma das esferas da vida do elemento desviante. Seria uma relação social e não um comportamento definido a priori em uma acepção não estática da vida cultural (MERTON, 1970).

Ou seja, a estrutura sociocultural teria influência direta na produção de um comportamento socialmente desviado, restringindo as disposições dos cidadãos para reagir e para inventar modos de ação. Parte-se do princípio de anomia de Merton (1970), segundo o qual a sociedade possui o objetivo de integração. Os objetivos culturalmente definidos são compartilhados por seus membros e mais ou menos integrados e ordenados em alguma hierarquia de valores, isto é, “Cada grupo social, invariavelmente, liga seus objetivos culturais a regulamentos enraizados nos costumes ou nas instituições de procedimentos permissíveis para a procura de tais objetivos”. (MERTON, 1970, p. 205).

Quando a sociedade está mal integrada, existiria uma “[...] tensão muito pesada, por vezes virtualmente exclusiva, sobre o valor dos objetivos particulares, envolvendo em comparação, pouca preocupação com os meios institucionalmente recomendados de esforçar-se para a consecução de tais objetivos”. (MERTON, 1970, p. 205-6). A anomia seria, em uma analogia organicista, a dificuldade de integração dessa sociedade em que o desvio torna-se supressor do comportamento normal. Essa acepção de anomia é favorável à perspectiva do pânico moral, pois pressupõe um estado de normalidade social na integração. A anomia seria a quebra da realidade estável e bem integrada assim como o pânico é a ameaça desorganizadora do cotidiano. O pânico moral seria, então, a ameaça de aparição iminente da anomia descrita em uma temática específica, que poderia atingir todos os estratos sociais.

Em resumo, o grau de anomia de um sistema social é indicado pelo grau de falta de acordo a respeito das normas julgadas legítimas, com seu conjunto de incertezas e inseguranças nas relações sociais (MERTON, 1970). A falta de consenso geraria uma crise nas expectativas de comportamento, impedindo o funcionamento “normal” da sociedade (VELHO, 1972).

Tal qual descrito por Velho (1972) e Merton (1970), tem-se o princípio da anomia, referida ao indivíduo, em que uma pessoa concreta poderia estar em um processo de anomia sem que o sistema social estivesse em anomia. Parte-se de uma patologia individual para uma patologia social, porém influenciada por uma desorganização de normas e valores que permitirá este desequilíbrio em um “[...] ambiente social favorável ao aparecimento de indivíduos anômicos”. (VELHO, 1972, p. 14).

Esse pequeno traficante que é o alvo preferencial tanto da polícia quanto dos jornais seria logicamente um indivíduo “anômico” pela ilegalidade de sua profissão (o comércio de drogas); pela ameaça moral de seu poderio militar, sendo o senhor de um exército paralelo; e por sua presença despótica em um ambiente empobrecido. Porém, seu comportamento desviante não seria total como elemento totalmente *outsider* da sociedade. É factível imaginar que o traficante compartilha dos desejos de consumo da maioria dos moradores das grandes cidades brasileiras (vide as imagens de mansões luxuosas, carros esportes e joias), e que está, em certo sentido, perfeitamente adaptado ao sistema econômico vigente. Além disso, estão tradicionalmente ligados ao universo das escolas de samba e do mundo do futebol, esferas sociais populares de ampla divulgação no cotidiano carioca.

“A violência se impõe como o operador natural de um código social limitado à combinação de dinheiro com o poder das aparências e, portanto, destituído de qualquer valor ético que transcenda o circuito fechado de suas normas”. (SODRÉ, 1992, p. 105). O ethos urbano reflete essa atmosfera em que a pobreza e a opulência estabelecem uma relação simbiótica e o universo da criminalidade começa então a adentrar na sociedade civil organizada.

Sua atuação profissional e militarizada é que seria o elemento desviante na sociedade. Estas características são as que se encontram ressaltadas na construção do demônio popular, sua exemplificação como elemento anômico é o ponto de partida para a caracterização da ameaça de um estado de anomia para toda a sociedade.

A estigmatização está intrínseca à ideia de desvio social e à construção do demônio popular e está implicada num quadro relacional mais geral entre os indivíduos numa sociedade na medida em que classificar alguém como desviante já é uma forma de estigma (GOLDWASSER, 1972).

A ideia fundamental do desvio social como ruptura de uma regra grupal pode ser relativizada. Por outro lado, o diagnóstico do desvio depende do julgamento de um grupo que define alguém como desviante segundo suas próprias normas, enquanto esse alguém pode, ao contrário, estar agindo de conformidade com as regras de um grupo diverso daquele (BECKER, 1963⁴ apud GOLDWASSER, 1972).

O pânico moral acabaria por apresentar um caráter conservador, pois ele pressupõe uma unicidade e harmonia inicial que seria abalada pelo elemento desviante. A organicidade do sistema tenderia à estabilidade, sendo abalada unicamente pela presença do demônio

⁴ BECKER, Howard. **Outsiders**: studies in the sociology of deviance. New York: The Free Press of Glencoe, 1963. p. 5.

popular. Após a resolução do conflito, essa estabilidade seria “reconquistada”. Tal como descrito pelos jornais na ocupação do Complexo do Alemão, volta-se a um estado de relativa tranquilidade. O interessante é que o retorno é projetado para um tempo indefinido. Não se estabelece a época em que o Complexo do Alemão teria sido um território de paz, estado ao qual estaria retornando. Esse tempo é apenas caracterizado como anterior ao domínio do tráfico de drogas. No caso do microcosmo da violência urbana carioca, esta estabilidade seria também a promessa de um futuro idílico de paz que nunca é alcançado (MATHEUS, 2011). A calma após a tempestade residiria sempre na esperança, neste caso, direcionada para as UPPs. É como se um suposto estado inicial de paz fosse projetado para um passado difuso, imaginado, e para um futuro utópico encarnado nas UPPs.

O traficante caracterizado como elemento desviante e ameaça *a priori* perde então a sua característica individual concreta e adentra a seara mitológica. É aí que a acepção do demônio ameaçador se insere. Desta forma, os apelidos quase que obrigatórios em suas alcunhas e as lendas de assassinatos na calada da noite com espadas medievais e de cemitérios clandestinos onde enterra seus condenados muitas vezes carbonizados constroem no imaginário popular figuras sombrias e ameaçadoras.

A presença do traficante ameaçador surge no momento imediatamente anterior à sua caçada. Quando um bandido começa a ser intensamente descrito nas páginas dos jornais, ele começa a alçar o posto de inimigo público (*hostis publicus*). A ameaça, quando chega a esse nível, ganha contornos de uma propaganda invertida que, em vez de exaltar os valores positivos de um determinado personagem, cria uma propagação dos valores negativos. Por ser uma imagem coletivizada, o inimigo público seria uma construção simbólica de toda uma sociedade e faria parte de um esforço de combate contra o mau elemento. Exalta-se a periculosidade de um bandido para glorificar a ação de sua captura. É neste momento que ele começa a ser aproximado com mais intensidade da esfera do maligno em si. Em contraposição, o captor, civil ou militar, começa a ser endeusado na figura heroica da coragem e da vitória do bem. No fenômeno do pânico moral, como a ameaça se desdobra sobre toda a sociedade, a vitória também se coletiviza, sendo o policial a figura representativa dessa vitória. A glória personificada em seus heróis transborda para toda a cidade, que agradece a eles pela esperança renovada de paz. Pelo menos é isso que se aparenta ao ler esses jornais.

5 Os heróis

Ao estabelecer os demônios populares como traficantes, os jornais os colocam em contraposição aos policiais, heróis da batalha. Cartas de moradores e leitores exaltando o heroísmo e a coragem dos policiais ilustraram a primeira página do jornal *Extra* no sábado, dia 28, pós-ocupação da Vila Cruzeiro. Imagens de soldados brincando com crianças das comunidades estavam nas edições desses jornais. O *Extra* ainda publicou uma reportagem que contava que os soldados respondiam às cartas da população. Na primeira edição de *O Dia* de domingo, dia 29, a matéria com chamada de primeira página era sobre o perfil dos policiais que estavam atuando nas operações: “A batalha dos caveiras para cumprir a missão” (CRUZ; MAZZEI, 2010, p. 3). Imagens de soldados do exército sendo aplaudidos pela população contrastavam com traficantes de fuzil em punho. O blindado utilizado pela Marinha na ocupação da Vila Cruzeiro foi alçado ao posto de estrela da operação pelos jornais *O Dia* e *O Globo*. Ambos produziram o conteúdo com repórteres dentro dos blindados. A população da Penha tirava fotografias junto aos tanques de guerra. Esse tipo de comportamento dos jornais corroborava totalmente com o discurso oficial, que defendia as UPPs como um recurso de polícia comunitária. Segundo o governo, um dos objetivos do projeto era aproximar a Polícia Militar da população. Segundo o coordenador de polícia pacificadora, coronel Frederico Caldas: “As UPPs representam a consolidação do pacto entre a Polícia Militar e o povo, para quem devemos destinar o melhor de nossos esforços. Significa muito mais do que o resgate da esperança e da cidadania: a UPP simboliza todo o apreço que devemos ter pela vida humana”. (UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA, 2014). Portanto, percebe-se a adesão desses jornais à retórica do governo tanto na construção do medo quanto na construção da figura dos heróis da PM.

Em momentos de tamanha euforia, qualquer matéria que não acompanhasse esse ímpeto ascendente de apoio às realizações do Estado poderia se mostrar como um ponto fora da curva. No dia 27, *O Dia* destacava em sua primeira edição uma matéria em que moradores da Vila Cruzeiro acusavam policiais de cometerem abusos durante a ocupação. Já na segunda edição do mesmo dia, a matéria foi substituída por outra que contava que o Exército fora aplaudido ao chegar na área de conflito.

Após a ocupação do Complexo do Alemão, durante a cobertura da prisão do traficante conhecido como “Zeu”, um dos executores do jornalista Tim Lopes, o jornal *Extra* destacou a semelhança do policial que prendeu o bandido com o falecido repórter. Numa espécie de reviravolta do destino, algoz e vítima trocariam de lado. A prisão de “Zeu” era apresentada

como uma analogia que podia ser expandida para toda a cidade: se antes o Rio de Janeiro era refém dos bandidos, agora era o captor.

As matérias do *Extra* foram, desde o início da semana, permeadas por uma atmosfera de embate. Na edição de terça-feira, dia 23, dizia “[...] os chefões do tráfico aterrorizavam o Rio em protesto contra as UPPs” (ROHDE; SEABRA; TORRES, 2010, p. 2), naquela que seria uma aliança do crime. O aumentativo do termo chefe (chefão) que provoca o terror e a metonímia pelo comportamento criminal (crime) seriam elementos de uma cultura mitológica do mundo criminal. A narração era extremamente sensibilizada – “*O medo se espalha na cidade*”, “*Rio de Janeiro em chamas*” e “*Boatos espalham o pânico*” era respectivamente a ordem das matérias na quinta-feira, dia 25 de novembro. As dicotomias eram a formação discursiva preferida pelo periódico. Na quarta-feira, a capa destacava as duas acepções possíveis da sigla UPP como os dois lados da batalha: os “Unidos Pelo Pó” (UPP), uma abordagem satírica e provocativa da aliança das facções criminosas, contra as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Na quinta-feira, os dois inimigos do Rio de Janeiro eram os bandidos e os boatos. Na sexta-feira, as duas opções dos bandidos seriam a rendição ou a morte.

De forma semelhante, nos momentos da vitória a narração também seria sensibilizada. As cartas nos dias pós-ocupação da Vila Cruzeiro eram do “Povo do Rio” para os policiais; na verdade, essas ‘cartas’ eram algumas das mensagens que os próprios leitores do *Extra* disponibilizaram numa seção no site do jornal. No sábado, dia 27 de novembro, todas essas declarações de apoio e carinho aos policiais foram publicadas na primeira página:

Tenho 11 anos e não tiro os olhos da TV. Vocês estão indo muito bem. Obrigada, obrigada. (Thamires da Silva Santos).

Força pessoal... O bem precisa vencer o mal para que meu filho de seis anos possa viver em uma cidade livre desses marginais. (Alex Moreira da Silva).

Mostrem a eles que um Estado forte não pode se dobrar diante dessa escória. Vocês, sim, merecem toda nossa admiração. Boa sorte, bravos soldados do bem! (Luis T.).

Vocês são os nossos heróis, os nossos braços e as nossas pernas. Força, garra e perseverança! Que Deus os ilumine e abençoe. (Patrícia Santos).

Parabéns!!! Que vocês estejam com as armas de Jorge, São Jorge guerreiro... Que vocês vençam os dragões. (Marta Guimarães).

A partir do dia 25/11/2010, quando a população do Rio vir as iniciais CV em algum muro saberá que significa “Corre Vagabundo”. Dizer obrigado a vocês é pouco. (Renato Marinho).

Fiz questão de falar para meu filho que esses, sim, são heróis de verdade. (Márcio Bastos).

Eu tenho apenas 14 anos, mas pela primeira vez eu vejo esses policiais com um olhar diferente. Quando eu os vejo sinto orgulho, sério mesmo. Parabéns para vocês por abrirem mão de suas férias, ou outra coisa para nos ajudar. (Matheus Deccache). (DE: POVO DO RIO, 2010, p. 1).

No dia seguinte, o mesmo jornal destacava a mensagem de otimismo do sargento Araújo do BOPE para o “Povo do Rio”: “Se for preciso fico um ano combatendo pela paz do Rio”. (Sargento Araújo). (ORGULHO..., 2010, p. 3).

Em uma matéria intitulada “*Orgulho por estar no front*”, outros policiais davam seus depoimentos:

Desde o nosso deslocamento, na Avenida Brasil, recebemos o apoio da população, que acenou para as viaturas, nos dando força. (Sargento Wallmann).

Cadê o poder que os traficantes da Vila Cruzeiro diziam que tinham? Correram pro outro lado, mas não tem como evitar o confronto, a verdadeira guerra. (Cabo C. Henrique).

Somos preparados para o pior. Então, não podemos reclamar de fome, sede, dor ou escuridão. Somos militares. Nossa vida é isso. Se fosse fácil, não precisaria ser a polícia. (Cabo Moisés Ferreira).

Guerra é isso: sem luz, sem quentinha, comendo pão e salgado. Mas não podemos reclamar. Estamos aqui porque queremos. A população precisa e nós vamos atender. (Cabo Costa Lopes).

Os traficantes tinham duas metralhadoras ponto 50, mas nós entramos com o tanque da Marinha. Eles ficaram sem opção e fugiram, correndo. (Sargento Araújo).

Entramos para ficar o tempo que for preciso para devolver a favela, totalmente, ao Estado. (Subtenente Xavier). (ORGULHO..., 2010, p. 3).

Em *O Dia*, os policiais foram o tema da matéria sobre como enfrentam a rotina de sacrifício na “batalha” em “defesa do Rio”:

Rotina de resistência para tropas em guerra

Heróis da resistência. Assim podem ser definidos policiais, civis e militares diante da rotina de guerra enfrentada ao longo da última semana contra traficantes que vem dando ordens para que veículos sejam incendiados em diversas partes do estado. Por determinação da Secretaria de Segurança, folgas e férias foram cortadas. Horas de sono muito reduzidas, higiene pessoal precária e alimentação prejudicada. Com todas as dificuldades os companheiros de front alegam que o mais complicado é a espera da batalha. (MAZZEI; PERES, 2010, p. 4).

No editorial da sexta-feira, dia 26 de novembro, *O Dia* comentou a operação policial na Vila Cruzeiro, com forte apoio às forças do Estado, que são enaltecidas:

População ao lado da polícia

Os ataques incendiários em série que apavoram o Rio desde domingo já produzem um efeito: a confiança resgatada da população na sua polícia e o apoio irrestrito a todas as ações desencadeadas até aqui. Aplaudidas pela população, as operações, que contam com a ajuda de blindados da Marinha, impõem reverses ao crime organizado ao penetrar em área antes intransponível, como a invasão de ontem à Vila Cruzeiro. [...] A população está ciente de que, ao lado de sua polícia, pode ajudar a livrar o Rio de uma vez por todas das garras do crime organizado. (LEITÃO, 2010, p. 38).

A identificação da polícia como sendo “sua”, ou seja, propriedade da população e consequentemente do leitor do jornal praticamente sela o casamento entre a sociedade civil e o Estado. Os integrantes do crime organizado atingem também a clara condição de “*aliens*”, de pessoas estrangeiras a este contexto de união, são classificados como monstros, o mal encarnado nas “garras do crime organizado”. E o compromisso entre Estado e população é sustentado por dados estatísticos: um número recorde de ligações ao Disque-Denúncia no que o diretor do órgão definia como marco de “[...] que lado o povo do Rio se postou quando a cidade foi tomada por uma onda de atentados terroristas sem precedentes” (AÇÃO..., 2010, p. 34); e uma pesquisa no site do jornal na internet apontando que 95% dos leitores da versão digital apoiam a ação militar no combate.

6 Considerações finais

Tanto *O Dia* quanto o *Meia-Hora* construíram uma imagem heroica dos policiais. Foi utilizado de forma positiva o termo ‘caveira’, apelido dado aos policiais do Batalhão de Operações Especiais e popularizado pelo filme “Tropa de Elite”, o *Meia-Hora* já recorria ao termo desde 2007, ano da popularização do primeiro filme. Há estimativas que 15 milhões de pessoas tenham visto a película, de forma convencional ou por meio de cópia pirata (BEZERRA; FALCÃO, 2013). Segundo Bonfim (2007), dentre as 40 capas selecionadas por ela do *Meia-Hora*, 15 delas (37,5%) faziam referência ao filme. As matérias apareciam não só na editoria de cidade como também em esportes.

A associação daquela cobertura com o universo do filme não foi exclusividade do *Meia-Hora*. Em uma das chamadas de primeira página do dia 27 de novembro de *O Globo*, o apoio popular foi descrito em um dos subtítulos “*População aplaude polícia e acompanha operação pela TV em clima de ‘Tropa de Elite 3’*”. Ainda em *O Globo*, a tradicional charge de Chico Caruso na capa trazia o Cristo Redentor caracterizado como um agente policial, com colete a prova de palas, boné e óculos escuros como se o símbolo da cidade do Rio de Janeiro

fosse agora o contingente policial e como se aquele agente do Estado agora simbolizasse a nossa população. Ao se apropriar de um produto cultural, o jornal também tentava se aproximar do leitor (CAETANO; ALVES; LANNES, 2008), do mesmo modo como quando encampa o discurso do governo e adere ao *marketing* da euforia (DUARTE *et al.*, 2008).

A violência estampada nas primeiras páginas seria, segundo conceito de Sodré (2006, p. 12), a violência representada, uma modalidade discursiva na qual o ato violento é “[...] tanto manejado pelo jornalismo que tende a publicamente a agressão recorrente na vida cotidiana quanto pela indústria do entretenimento, especialmente em filmes e programas de televisão, com a finalidade de conquistar maior audiência”.

A dimensão do entretenimento entrava também pelo universo cinematográfico de “Tropa de Elite”, com a ridicularização dos bandidos como baratas que fogem exclamando “ai, que medinho” na capa do jornal ou com a satirização das performances sexuais dos traficantes. Aproxima-se do universo do leitor por relatar o pânico e a posterior euforia que tomou conta do público, que momentaneamente compactuou de forma espantosa com a política das UPPS⁵. Dramatizado o acontecimento, os personagens giravam em torno de um duelo simplificado entre bem e mal, corajosos e covardes: “*O coração do mal para de bater. O bem venceu*”. (O CORAÇÃO..., 2010, p. 2-3).

Referências

A FORTALEZA era de papel. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de nov. de 2010, Suplemento Especial, p. 1-3.

AÇÃO do tráfico reavivou o sentimento de cidadania. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de nov. de 2010, P. 34.

ARISTÓTELES. **A arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BEZERRA, Beatriz Braga, FALCÃO, Carolina Cavalcanti. Capitão Nascimento, protagonista de um espetáculo: a jornada do herói na sociedade do consumo. **Revista Temática**, v. 9, n. 11, p. 1-14, nov. 2013.

BONFIM, Priscilla. **Violência, futebol e erotismo: sensacionalismo e espetacularização nas capas do tabloide Meia-Hora**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Bacharelado em Comunicação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido e história**. São Paulo: Papirus, 1997.

⁵ Mais tarde, começariam a surgir as primeiras críticas.

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics**. London: Routledge, 1972.

COSTA, Ana Cláudia et al. Negociação fracassa e Alemão será invadido. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010, Suplemento Especial, p. 1.

CRUZ, Adriana; MAZZEI, Maria. A batalha dos caveiras para cumprir a missão. **O Dia**, Rio de Janeiro, 29 de nov. de 2010. p. 3.

DE: POVO DO RIO, Para: Policiais. **Extra**, Rio de Janeiro, 27 de nov. de 2010. p. 1.

DO QUE RI o traficante Mister M? **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 de nov de 2010, p. 6.

DOWNS, Anthony. Up and down with Ecology: the "Issue-Attention Cycle". **Public Interest**, New York, v. 28, p. 38 summer 1972.

DUARTE, Ricardo et al. A estratégia das imagens e dos títulos nas capas do tabloide Meia Hora de Notícias do Rio de Janeiro: o jogo dos valores instituídos. In: COLÓQUIO EM COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE – COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA: INSTITUIÇÕES, VALORES E CULTURA, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOLDWASSER, Maria Julia. "Cria Fama e Deita-te na Cama: um estudo da estigmatização numa instituição total". In: VELHO, Giberto (Org.). **Desvio e Divergência**: uma Crítica da Patologia Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 29-51.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1996. v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1999. v. 2.

LEITÃO, Leslie. População ao lado da polícia. **O Dia**, Rio de Janeiro, 26 de nov. de 2010. p. 38.

MÃE desabafa: estou feliz porque ele ia acabar morrendo. **O Dia**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010. p. 4.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MAZZEI, Maria; PERES, Thiago. Rotina de resistência para tropas em guerra. **O Dia**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010. p. 28.

MERTON, Robert King. **Sociologia**: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

NO SITE de O Globo, o desabafo dos internautas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 de nov de 2010, p. 8.

O BICHO vai pegar! **Meia Hora**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010, p. 1.

O CORAÇÃO para de bater. O bem venceu. **Meia Hora**, Rio de Janeiro, 24 de nov. de 2010, p. 2-3.

O MEDO se espalha na cidade; Rio de Janeiro em chamas; Boatos espalham o pânico. **Extra**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010. p. 3-5.

ORGULHO por estar no front. **Extra**, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 2010. p. 3.

OUSADIA e Deboche. **Meia Hora**, Rio de Janeiro, 24 de nov. de 2010, p. 4.

PM AVANÇA para ocupar o bunker do tráfico na Penha. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de nov. de 2010, P. 17-18.

RENDA-SE. **Meia Hora**, Rio de Janeiro, 27 de nov. de 2010, p 3-8.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis: Vozes, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus Editora, 1994, tomo I.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus Editora, 1995, tomo II.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus Editora, 1996, tomo III.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

RIO DE JANEIRO em chamas. **Extra**, Rio de Janeiro, 25 de nov. de 2010. p. 5.

ROHDE, Bruno; SEABRA, Guto; TORRES, Ana Carolina. A ordem veio de longe. **Extra**, Rio de Janeiro, 23 de nov. de 2010. p. 2-4.

RUAS mais vazias, o sinal do medo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 de nov de 2010, p. 19.

SODRÉ, Muniz. **Social irradiado: neogrotesco e mídia**. São Paulo: Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA. **AS UPPS**. Disponível em:
<http://www.upprj.com/index.php/as_upps>. Acesso em: 02 dez. 2014.

VELHO, Giberto (Org.). **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

The hero and the deviant: fear and euphoria on the police news

Abstract

This study's purpose aims to identify the relevance or not relevance of the application of the concepts of moral panic and folk devil as a manner of understanding the recent euphoric adherence of the Public Security policy in the state of Rio de Janeiro. With the application of these concepts derived from sociology and criminology, in particular from Stanley Cohen (1972), the authors analyze the narrative structures of two police coverage in Rio's newspapers during the drug war. They concluded that the drug dealers appear as the deviant element while the police forces appear as heroes, legitimizing Public Security policy through euphoria. The article is part of an ongoing research in which the main hypothesis is the idea that the newspapers encouraged the occurrence of the phenomenon of moral panic in the city in the end of 2010, when the police raids became intensified.

Keywords

Journalism. Police coverage. Moral panic. Fear. Euphoria.

Recebido em 24/07/2014

Aceito em 31/10/2014

Copyright (c) 2014 Autor (es) / Copyright (c) 2014 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

